

Literatura e Alteridade: Paisagens difratadas

Maria Luiza Berwanger da Silva

Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Le problème c'est d'avoir vu
tant de reproductions lorsque j'étais très jeune.
Des paysages fabuleux fanés,
des palais et leurs grands escaliers rongés
par les années. Des parcs et leurs statues figées.
Des pages et des pages. Des fonds épuisés.
Des visages de touristes pressés
qui s'ajoutèrent peu à peu à la banalité
essentielle de n'importe quel espace. Ma géographie
enchantée est tout autre. Par delà
les yeux et le coeur sauvages
grandit et chemine la résultante
soi-disant habitable. *Gimme shelter.*
« Crois en moi et tu auras un abri ». [...]
[...]
La pelouse verte, déchirée à jamais.
Je passe en dansant. La matière, le mercure,
se volatilise dans mes veines.

[...]

tu entres soudain dans le Tunnel Rebouças
et brusquement le jour te salue,
m'illumino d'immenso dans le quartier

de Santa Tereza. Cette succession
regressive, ces métissages
de races, d'idées, de plis,
nos membres unis, deux
boussoles, toutes ces sensations
aimantées : je courbe la tête
et je mords mon propre torse. Voilà que cela
émerge, c'est un état d'attention
suspendu entre des arêtes, avant la pluie ;

moi aussi je suis sur la plaine verte,
mouillée, jamais vierge
et somnolente, jamais fatiguée :

[...] (JÚDICE, MAXIMINO, RIVAS, 2000: 203-205)

Sob a imagem «m'illumino d'immenso», colhida de Ungaretti, imprimindo no poema *Satori* o traçado do Estrangeiro, vislumbra-se o itinerário da subjetividade que, poética, se concentra no aprendizado da paisagem. «Micropaisagens, não micropolíticas» (2004: 193), diz Horácio Costa em outro poema, representando a comunidade pós-moderna brasileira que fixa os ecos da palavra transnacional na geografia sensível, realocizada, principalmente desde o Movimento Modernista de 1922.

Vista deste ângulo, a presença deste poeta de São Paulo na antologia intitulada **18+1 Poètes Contemporains de Langue Portugaise** (Paris: Chandeigne, 2000), como amostragem da seleção de poetas brasileiros pelo crítico francês Pierre Rivas, ilustra uma percepção singular da Alteridade: nesta Antologia, confessa ou inconfessa, a mediação de Horácio Costa, ao representar a relação do ato de escrever com a memória da leitura, extrai de citações pertencentes a literaturas dispersas aproximadas o ato de decantação do lírico. Assim, **Satori** permite recuperar o fio memorial de um lugar, de um tempo e de uma subjetividade redesenhados pela presença estrangeira.

No dizer do romancista, crítico e tradutor Milton Hatoum, «Satori» significa «iluminação, graça ou revelação», estado absoluto ou desejo de ser plenamente, «desejo que a linguagem, em sua condição precária, não pode alcançar, mas insinuar, buscar, tatear» (2004: 248), reiterando a síntese crítica de Pierre Rivas na **Anthologie**, quando diz: «... le poème [d'Horácio] naît du manque, de la générosité et du hasard, iceberg aléatoire en lutte pour atteindre et éteindre le sens qu'il désigne» (2000: 11).

De forma singular, duas vozes modernistas cruzam-se no projeto poético de Horácio Costa como fundo residual de que extrai modos e formas de atenuar o indecifrável da linguagem: a voz de Oswald de Andrade, antecipadora da Alteridade e da Mundialização, na Conferência **L'Effort Intellectuel du Brésil Contemporain** (Paris – Sorbonne, 11 de maio de 1923), e a conferência de Mário de Andrade sobre o Movimento Modernista de 1942, como consciência crítica, textos que são revisitados pelo poeta Horácio Costa. Nele, entrelaçados, os caminhos propostos por Oswald

de Andrade e Mário de Andrade convergem na cartografia da poesia brasileira contemporânea figurada como Alteridade reinventada. Vida e Arte aproximadas transformam a consciência do desgaste temporal expressa no verso: «as metáforas que o homem fabrica são cápsulas que o tempo desfaz» (2004: 80), em escritura poética que «surge da falta». Gesto de auto-referencialidade onde a lucidez crítica percebe que «quanto mais microscópica a visão, maior a difração» (2004: 59), **Satori** de Horácio Costa ressimboliza a página através da coabitação harmoniosa de fragmentos extraídos de diferentes poéticas estrangeiras. Neste sentido, se a transparência dos mestres modernistas evocados e o diálogo constante com a Literatura Latino-Americana e a Mundial legitimam a tradução para o francês da poesia de Horácio Costa, o poeta retece esta «deuxième main» à luz da geografia recartografada. Deslocar o finito, retocando-o de luzes, cores, sons e perfumes, eis, em síntese, o verso que refaz a arquitetura da cidade de São Paulo, como se deambular, errar ou «flâner» pelas ruas da **Paulicéia Desvairada**, (imagem cara a Mário de Andrade), recentrasse o lirismo da voz que, silenciosa e inconfessa, redesenha espaços e emoções estéticas: converte-os o poeta em lugares do imaginário primordial.

Surpreende, em Horácio, o impacto da visualidade, recuperando o fio memorial da geografia urbana entrelaçado à subjetividade. Se o olho recicla, a mão que escreve grava, sobre a página, a dicção plural de vozes, produto do espaço que se abre entre o visível e o invisível. Como o dirá nos versos dedicados a Cézanne:

Oh tu, que és o enésimo a ver a tarde,
esta singular tarde contemplável,
mostra-me não só a difração do mundo
ao longe, a harmonia não geométrica
que se resolve em planos da cor do ar
e da montanha, e que cada dia é outra:
Diz-me como captaste sem paixão
[...]
a noite que se oculta em pleno dia.
Diz-me qual a cor da cor e a do agora.
Tu o sabes. A mim propõe-me a vida
a massa e a presença indiferente
desta montanha Sainte-Victoire (2004: 170-171).

Poeta-crítico, esta inquietude com o olhar a Arte confirma-se em **A Palavra Poética na América Latina (Avaliação de uma geração)** (1992), obra organizada e prefaciada por Horácio Costa, onde sublinha o traço da poética transgressiva, traço básico da poesia hoje, demarcando a diversidade dos terrenos comparatistas consagrados ao transtextual. Nesta obra, a afirmação de que «o centro está em toda parte» (1992: 26-27) dialoga com imagens sintetizadoras da reflexão teórico-crítica intermediada por imagens como o «pas au-delà» de Maurice Blanchot, a leitura por cima do ombro do Outro em George Steiner, a imagem das «múltiplas moradas» de Cláudio Guillén e como a do Arco-Íris Branco de Haroldo de Campos, imagens-síntese do comparatismo como lugar de reescritura do Outro, como diz o poeta em entrevista na revista Tsé, Tsé:

... Creo que ya pasamos la fase de escribir *précis* de literaturas o lo que sea; finalmente hoy en día, y debido a la labor de varias generaciones de traductores, ya conocemos mucho mejor la literatura hispanoamericana en Brasil y la brasileña en tierras hispanas, y ya podemos escribir sobre nuestras literaturas mutuas sin tanta distancia o temor. Y después, la respetable intención de ofrecer al estimable público historias generales de lo que sea, bueno, como que se quedó en el siglo pasado, ¿no? Con el avance del comparatismo, hay una creciente y fecunda tendencia a diálogos sectoriales entre lenguas, autores, sectores, tendencias, etc. El pensamiento totalizador sufre recortes todos los días. Yo no puedo escribir ensayos como un Toynbee o un Cantú, desprendimientos de Spencer. Sí puedo ensayar. Y lo hago, en mar abierto (DANIEL, [s.d.]: 69).

Assim, pois, os versos de **Satori**, ao preencherem o vazio da memória pelo conjunto de citações diversas, encontram no diálogo com o poeta, crítico e teórico da tradução Haroldo de Campos o lugar primeiro de uma conversa infinita, (bem ao gosto de Maurice Blanchot), iniciando-se pela palavra de homenagem de Horácio ao Mestre Haroldo: «... a Ave corta o céu com rapidez de palavra, cai na terra como dardo de poesia no plano da página, enfáticas brasas, micro-explosão, demolição interior, fósforo e nada, estás imóvel e a acompanhas em seu vôo, rapaz em busca da carne branda da leitura, veja o mundo como um vitral, o agora imenso nos olhos do animal se faz memória, gárrulo epigramático, zênite, singraste-me, a caça terminou e aqui tens teu prêmio, libera o animal, read me again» (2004: 52). Nestes versos, o jogo da intertextualidade representada pela imagem da caça significando releitura sugere a prática de revitalização articulada pela evidência de marcas residuais que evocam, de certo modo, a mediação do simbolismo do «pássaro», como lembrança inapagável da poesia de Haroldo de Campos.

Exemplar, neste sentido, faz-se o ensaio de Horácio Costa intitulado *Revisión: Dinámica de Haroldo de Campos em la Cultura Brasileña do livro Haroldo de Campos, Don de Poesía* (2004), organizado por Lisa Block de Behar, no qual esse poeta paulista marca a fisionomia haroldiana pelo traço da «conciliação» e da «coabitação» de presença, temas e migrações que Haroldo acolhe, «sin abdicar de su propia trayectoria» (*apud* BEHAR, 2004: 100); como se o olhar da travessia com que Horácio Costa singulariza Haroldo de Campos lhe servisse de matriz e bússola norteadora da pluralidade de caminhos figurados. Publicação paralela ao **Don de Poesía**, o livro **Transcrições** (Teoria e Práticas – Em Memória de Haroldo de Campos) (2004), organizado por Tânia Franco Carvalhal et al., acentua a face do comparatista cuja densidade do pensamento reconfigura a paisagem brasileira pela percepção difratada do Outro. Portanto, o diálogo de Lisa Block de Behar, ao identificar em Haroldo de Campos «la previsión que el poeta que sabe, emblematiza en escritura, en un verso que se ve: ‘escribir é uma forma de /ver’» (2004: 20), com a percepção de Tania Franco Carvalhal, em Haroldo, de «uma poesia densa e espacial, de herança mallarmaica» em que se reconhece uma «tradição de imagens» (2004: 31), este diálogo crítico que demarca, em Haroldo de Campos, o traço da visualidade como lição legada ao poeta Horácio Costa e à poesia brasileira reconhece, na paisagem poética, o prazer do confessional em incessante propagar-se.

Plenitude do dizer ou dizer da plenitude? Paisagem da Alteridade a retrabalhar o diálogo interno dos poetas brasileiros transforma-se em arquivo de constelações diversas e residuais. Vista deste ângulo, a composição poemática de Horácio Costa, como poeta-síntese da amostragem brasileira apresentada por Pierre Rivas, na **Anthologie 18+1 Poètes Contemporains de Langue Portugaise** (2000), evidencia a perspectiva da intertextualidade como a focaliza a Teoria da Literatura Comparada, hoje, e que poderá configurar a relação interna e externa articulada pela comunidade poética brasileira como território do imaginário produzido pelas relações intertextuais com a Alteridade.

«Intertextualité généralisée», esta imagem com que Michel Garcia encerra a **Histoires des Poétiques** (1997) transcreve o pensamento de Jean Bessière que, ao longo de sua produção teórico-crítica, sublinha a vocação do literário à transtextualidade (refiro-me especialmente a textos como: *Des Équivoques de la Théorie Littéraire*, no livro **Perspectives Comparatistes** (1999), e *Théorie et Critique Littéraires Contemporaines: Cultures Nationales et Transnationales*,

na obra **Fronteiras Imaginadas** (2001). Em olhar que, ao se projetar sobre o Outro e, ao se deixar por ele atravessar, transgride lugares, fronteiras e sensibilidades, essa prática de ressimbolização, mediada pelo diálogo da intertextualidade com a Alteridade, amplia o conceito de paisagem. Emergente da poética de Horácio Costa como amostragem da produção brasileira, a Paisagem tanto figura a migração da intimidade lírica ao Diverso, desenhando certas imagens espacializadas, a exemplo da fábula do lugar e da memória, quanto articula formas plurais de abordagem de singularidades próximas e distantes em movimento de constante entrecruzamento e reconfiguração. Dito de outro modo: o prazer da dicção auto-referencial, captado da intertextualidade vasta, agrega à consciência do compartilhar e ao desejo de harmonizar nacional e transnacional, artístico, não-artístico e cultural o exercício da difração, visualizada como desdobramento que sustenta a incorporação de novas geografias e subjetividades. Neste sentido, a projeção da imagem «m'illumino d'immenso», de Ungaretti, sobre a paisagem de Horácio Costa, tal como a de um grão fertilizador, acompanha-lhe a modulação lírica em seu conjunto de cores, formas, nuanças e perfumes; como se a luz irradiada das paisagens do Uno e do Diverso em entrelaçamento desse a ver a plenitude da palavra poética no espaço ainda em branco da página que virá. Deve-se retornar a Haroldo de Campos, aos bastidores do desejo de traduzir G. Ungaretti, poeta que lhe ensina a transgressão do «efeito de fratura abissal» da linguagem através da luz difratada (CAMPOS, 2003). Um diálogo singular se estabelece, pois, de modo quase inaudível na poesia brasileira cujos ecos (e «bruissements») da presença estrangeira revitalizam, explicitando, a aproximação de Horácio Costa com Haroldo de Campos. (Revitalizar como elos que se soldam àquela conversa infinita traduzida pelos versos de homenagem de Horácio a Haroldo). Gera-se, entre estes dois poetas-críticos brasileiros uma zona de convergência figurada pelo desejo de decifração do indeterminado e do inexprimível, «núcleo duro» do projeto poético de G. Ungaretti. Paisagens difratadas, pois, como sublimação do olhar que atravessa, propaga e decanta, produzindo a ilusão de disseminação infinita:

[...]

plénitude rare entre plage et montagne,

visage rencontré, fleur intermittente,

écriture réfléchissante,

Anabrèse et silence, vie ou néant (2004: 209).

dizem os versos de Horácio Costa, em voz que investe na subjetividade descentrada mas múltipla. Paisagens difratadas, em uma palavra, que recolhem do compartilhar a vitalidade do eterno retorno proporcionado pelo simbolismo da luz, claridade do espaço visto sobre o espaço rememorado com que se surpreende o poeta ao rever São Paulo:

[...]

dezesseis graus na Paulista

[...]

folhas que se dispersam

sim vou com elas

rumo ao meu santuário

interior

no «chiaroscuro» me ilumino
deslindo o que há
o agora é o que há
o onde é o agora
sob os teus
cascos (São Paulo, 17.07.2005).

Bibliografía

- ~ANDRADE, Mário de, «Modernismo brasileiro», in: *Aspectos da Literatura Brasileira*, São Paulo, Perspectiva, 1948.
- ~ANDRADE, Oswald de, «L'Effort Intellectuel du Brésil Contemporain», *Revue de l'Amérique Latine*, Paris, 2ème année, v. 19, n. 14, p. 197-207, 1er juillet 1923.
- ~CAMPOS, Haroldo de, *Ungaretti (Daquela Estrela à Outra)*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- ~COSTA, Horácio, *Fracta* (Antología Poética – seleção de Haroldo de Campos), São Paulo, Perspectiva, 2004.
- *Satori – Poemas*, São Paulo, Iluminuras, 1989.
- ~DANIEL, Claudio, *Horácio Costa : El arte del viento en un proceso laberíntico (cuestionario)*, Tsé Tsé, Buenos Aires, n. 14, p. 63-75, s.d.
- ~JÚDICE, Nuno; MAXIMINO, Jorge; RIVAS, Pierre (Orgs.), *18+1 poètes contemporains de langue portugaise*, édition bilingue, Paris, Institut Camões / Chandeigne, 2000.